

28 JUN 1987

Testemunha diz que sabe quem apedrejou o ônibus de Sarney

Um homem que se apresentou como Paulo Herrera esteve ontem às 18h45m na sede da Polícia Federal assegurando poder identificar oito participantes das agressões ao Presidente José Sarney, durante sua visita ao Paço Imperial. Herrera estava acompanhado por Lineu Caraciolo, ex-presidente do Departamento de Suplente do PDT e candidato derrotado a vereador em Caxias em 1982.

— Eu estava na Praça XV e queria colaborar com a polícia porque sou contra o que ocorreu. Conheço oito pessoas que estiveram lá, e que agiram a mando do Doutor Danilo Groff. As agressões ao Presidente partiram do pessoal do pró-diretas do PDT — disse Paulo Herrera, ao entrar na sede da Polícia Federal, na Caravan TY 5215 do Rio.

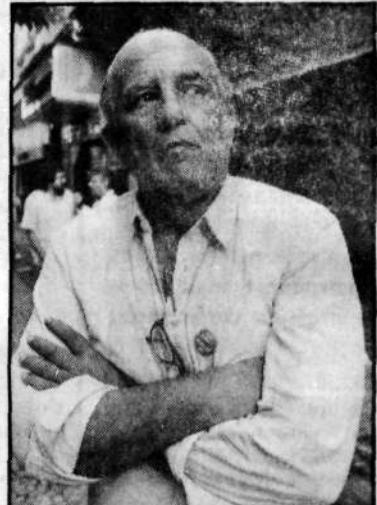
Paulo Herrera não encontrou, porém, o Delegado Fonseca, o plantão, que havia saído para almoçar, nem o Delegado do DOPS, Carlos Mandim de Oliveira, responsável pelo inquérito aberto para apurar os responsáveis pelos atos de violência. Herrera foi atendido, durante dez minutos, pelo escrivão de plantão, que lhe pediu para voltar na segunda-feira quando seu depoimento seria registrado.

— Eu não quero fornecer agora os nomes destas oito pessoas que atiraram pedras no Presidente porque ainda não tenho garantia de vida da Polícia. Somente após falar com a Polícia eu vou conversar com os jornalistas. Não vi ninguém com picareta nas mãos, mas muitos estavam com pedaços de pau — informou.

O Delegado Fonseca, à tarde, deu informações desencontradas sobre o episódio, dizendo que a testemunha não tinha muita importância “porque poderia ser um maluco”. Depois afirmou que “o depoimento havia sido tomado pelo escrivão e enviado ao Delegado responsável pelas investigações”. Os policiais de plantão realizavam um churras-



Herrera sai da Polícia Federal sem encontrar o Delegado Mandim



Danilo Groff, com o seu “button”

co no pátio da sede da Polícia Federal e não souberam informar o destino de Herrera e de Caraciolo.

— Qualquer informação sobre as investigações deste caso só será fornecida na segunda-feira pelo Delegado Giovanni Azevedo da Comunicação Social — disse o Delegado Fonseca.

O Superintendente da Polícia Federal, Fábio Calheiros Wanderley, disse que somente amanhã será realizada a perícia no ônibus.

Pelo menos um militante do PDT admite ter participado das manifestações de violência contra o Presidente José Sarney, quinta-feira passada, nas cercanias do Paço Imperial. O histórico trabalhista Danilo Groff, 53 anos, uma espécie de assessor particular de Leonel Brizola durante sua gestão no Palácio Guanabara, disse, ontem à tarde, na sede do partido — onde os dirigentes petistas regionais estavam reunidos — que participou dos atos de protesto na condição de Coordenador do Comitê Pró-Diretas, entidade que congrega representantes do PDT, PT e de várias outras associações do movimento

popular organizado.

Com um button vermelho no peito, com a inscrição “Fora Sarney, diretas já”, Groff rechaça a acusação que lhe é imputada de ter insultado os manifestantes. Mas não condona o fato do Presidente da República ter sido alvo de pedras e picaretas. Para ele, tudo é normal “diante da revolta popular”.

— O que aconteceu foi uma revolta natural da população, sacrificada pelos baixos salários e pela fome — afirma.

Ao tentar explicar o que houve, Groff se contradiz. Primeiro, assegura ter sido um movimento espontâneo da população. Logo depois, deixa escapar a informação de que vários membros do Grupo Pró-Diretas foram convocados para a manifestação.

— O que tem de mal nisso? O Pró-Diretas esteve lá como nas manifestações do Caco. O que houve foi somente uma manifestação contra um Presidente ilegítimo — acrescenta.

A versão de que houve, na realidade, um atentado contra o Presi-

dente Sarney é refutada por Gross, não sem antes soltar uma espécie de ameaça:

— Não iríamos cometer um atentado desse tipo. O dia em que praticarmos um atentado será definitivo. Só digo uma coisa: a situação vai piorar quanto mais erros o Sr. Sarney cometer no Governo.

Auxiliar de Leonel Brizola desde os tempos em que ele governava o Rio Grande do Sul, Danilo Groff nunca ocupou lugar de destaque na estrutura interna do PDT, embora faça parte de um restrito grupo de sua assessoria particular. Ex-militante do PTB, Groff foi Presidente da Juventude Trabalhista Rio Grandense. Meses antes das eleições de 82, transferiu-se de Porto Alegre para o Rio, onde imediatamente engajou-se na campanha de Leonel Brizola.

No Palácio Guanabara, respondia mais pela área administrativa do que pelas articulações políticas. Com uma mesa, numa das salas da entrada do palácio, Groff, na realidade, era uma espécie de administrador geral.